

UMA SINGULAR FAMÍLIA DE ENTALHADORES: OS MEIRELES PINTO – PAI E FILHO

Célio Macedo Alves

Doutor em História pela USP
Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto
Departamento de Museologia
célio.macedo@ig.com.br

O texto que se segue, apresentado no Congresso Internacional do Ceib, está estreitamente relacionado ao do restaurador e pesquisador Adriano Ramos, também incluído nesta revista. Na verdade, ambos resultam de um projeto mais ambicioso, desenvolvido pelo referido estudioso e com a minha colaboração, objetivando elucidar o caso do “Mestre Piranga”.

Este escultor tem instigado, ao longo de muitos anos, a capacidade investigativa de muitos estudiosos de imaginária mineira e também, porque não dizer, aguçado a cobiça de inúmeros colecionadores de arte barroca. São muitas, portanto, as questões insolúveis que ainda envolvem essa misteriosa figura: quem era? Onde veio? Onde aprendeu o ofício? Em quais lugares trabalhou? Porém, o mais intrigante de tudo isto é que, desde o surgimento das primeiras imagens com as características estilísticas que lhe valeram o epíteto de “Mestre Piranga”, nunca se conseguiu localizar documentos – um que fosse – ligando qualquer imagem portadora dessas características a um nome concreto de escultor.

Por conta disto, resolvemos adotar uma metodologia diferente na condução de nossa pesquisa: ao invés de procurar o nome de somente um suposto artista – como muitos fazem – resolvemos imputar essa responsabilidade a uma equipe, a um atelier, de onde originaram as esculturas que trazem as características do referido mestre. Trilhando por esta rota, procedemos então um estudo minucioso sobre os vários artistas que atuaram na região do Vale do Rio Piranga em fins do século XVIII e princípio do XIX. Desta forma, pudemos então selecionar um grupo de artistas cujos trabalhos têm muita afinidade técnica e estilística entre si, e no qual se inserem o entalhador português José de Meireles Pinto, seu filho, Antonio de Meireles Pinto, e os entalhadores Vicente Fernandes Pinto, Manoel Dias de Souza e Luis Pinheiro.

E neste grupo se impõe com vigor a figura de José de Meireles Pinto. Embora não se possa caracterizá-lo como o “legítimo” Mestre Piranga, o certo é que, em virtude de sua experiência artística, ele veio a exercer um papel aglutinador dentro do grupo assinalado, exprimindo sua capacidade de liderança no atelier, contratando as obras e (re)distribuindo-as entre seus comandados. Não seria absurdo afirmar que também teria sido ele quem abriu todas as possibilidades de serviços de entalhe e escultura na região de Piranga, isto a partir do ano de 1781, data em que veio a arrematar a obra do retábulo principal da singela igreja do Bom Jesus de Matosinhos do Bacalhau (hoje distrito de Santo Antônio de Pirapetinga, em Piranga). Atualmente, já dispomos de um farto elenco documental, reunindo informações reveladoras sobre sua vida e obra, o que nos permite fundamentar, até com certo arrojo, estas suposições. É o que se verá a seguir.

José de Meireles Pinto nasceu em 18 de Dezembro de 1731, na Quinta de Argonça, situada na Freguesia de Santa Eulália da Ordem, atualmente pertencente ao

Concelho de Lousada.¹ A Casa de Argonça era de propriedade de sua família desde o século XVII, quando foi fundada pelo seu bisavô Manoel de Meireles Freire, conforme mostra o quadro genealógico abaixo:



A sede da quinta, aliás, encontra-se até hoje conservada, sendo um dos atrativos turísticos do lugar, tendo por concorrência a Casa de Real, berço de nascimento do primeiro bispo de Mariana, D. Frei Manoel da Cruz.

A primeira menção documentada de José de Meireles Pinto em Minas Gerais refere-se ao ano de 1776, quando seu nome aparece inscrito em um Livro de Matrícula Militar, como soldado da "Companhia de 1º Número", da Capitania de Minas Gerais, que se encontrava destacada no Rio de Janeiro: "*José de Meirelles, filho de Vicente Duarte, natural da Freguesia de Santa Eulália, Arcebispado de Braga, de idade de 45 anos, cabelos pretos, olhos pardos, solteiro*"²

No ano de 1780, encontra-se associado a uma Sociedade de Compra e Venda de Escravos em Calambau em uma Ação Cível.³ Registro que assinala a sua presença no Vale do Piranga, já que Calambau, hoje Presidente Bernardes, situa-se bem no centro daquela região.

161

Em 1781 o encontramos em Santo Antônio do Pirapetinga, antigo arraial de Bacalhau, ajustando com a Irmandade de Bom Jesus de Matosinhos a fatura do retábulo principal de sua igreja. Trabalho que lhe tomou a atenção por um bom período de tempo, já que até o final de 1782 temos registros de pagamentos feitos a ele por conta da fatura deste retábulo.⁴

O retábulo em questão apresenta uma estrutura arquitetônica simplificada, com sustentação em duas colunas lisas, entablamento de pouco recorte, arremate em frontão plano, camarim com trono reto, escalonado em quatro degraus e registro inferior com socos periformes e sacrário decorado em uma custódia ladeada por ramos de videira e trigo. Mas a marca registrada do artista encontra-se bem visível na talha aplicada á estrutura, em um rococó delicado e movimentado, tratado à maneira de um trabalho

¹ Assento de Batismo de José de Meireles Pinto – 1731 – Arquivo Distrital do Porto – Paróquia de Santa Eulália da Ordem – Batismos – 1703-1774 – Consulta Virtual: PT/ADPRT/PRQ/PLSD17/001/0001/m0761; Testamento – 10/1808 – Arquivo da Casa Setecentista/IPHAN/Mariana-MG – Testamentaria de José de Meirelles Pinto – Cód. 158, 1º Ofício, Auto nº 3299.

² Arquivo Público Mineiro, Seção Colonial – Cód. 209, Matrícula Militar, 1775-1776, fl. 16. Arquivo da Casa Setecentista de Mariana/IPHAN – Cód. 481/Auto 10730 (1º Ofício).

³ Arquivo da Casa Setecentista de Mariana/IPHAN – Cód. 481/Auto 10730 (1º Ofício).

⁴ Ajuste do Retábulo Principal de Bacalhau – 1781 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Livro da Irmandade do Bom Jesus de Matosinhos de Bacalhau, fl. 43 e 43 v. – Livro 26, Prateleira T.

de ourivesaria. Os motivos se expandem em flores, concheados esgarçados, acantos e cartelas vazadas. Característico de sua arte são os nichos, com a coifa em forma de uma irradiante palmeta. O coroamento é ladeado por dois anjos, cujas feições esculturais trazem a marca do "Mestre Piranga". (ver texto de Adriano Ramos nesta revista). Sobre este coroamento, aliás, é importante assinalar que recebeu um acréscimo, feito pelo mesmo artista, em 1796, cuja emenda é perceptível acima da tarja central, onde se expõe os três cravos, emblema alusivo á irmandade do Bom Jesus de Matosinhos.⁵ (FIG.1,2)



Figura 1: Retábulo Principal de Bom Jesus de Matosinhos de Bacalhau.



Figura 2: Detalhe do Nicho do Retábulo Principal de Bacalhau.

162

Um aspecto importante a ser mencionado aqui é que Meireles Pinto introduz em Minas Gerais um tipo de retábulo estranho àqueles que serão posteriormente elaborados e difundidos por Antônio Francisco Lisboa e Francisco Vieira Servas, dois dos principais expoentes da decoração rococó na região mineradora. Sobre isto, aliás, é bom assinalar que em 1781, ano em que Meireles ajusta a obra em Bacalhau, Aleijadinho começa a desenvolver o seu tipo retabular e de portadas de igrejas, obras que mais tarde o recomendaria como grande artista do rococó mineiro. Neste caso, e em vias de comparação, o retábulo de Meireles não deve ser julgado como obra inferior ou de uma decoração simplificada quando comparado ao modelo inserido por Aleijadinho, mas uma via diferente, entre tantas outras que se inserirão na região mineira em anos subseqüentes, com características peculiares a um artista que chega a Minas Gerais já conceituado como um "mestre".

Na longa empreitada que teve na igreja de Bacalhau, é possível que Meireles Pinto tenha introduzido ali como aprendiz, no belo ofício da arte de trabalhar a madeira, o seu filho Antônio de Meireles Pinto, nascido em Portugal, no ano 1768, e imigrado com o pai para o Brasil. Quando o pai ajustou a referida obra, o garoto contava

⁵ Obra de acréscimo do Retábulo Principal – 1796 – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Livro da Irmandade do Bom Jesus de Matosinhos de Bacalhau, – Livro 28, Prateleira T. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Senhor Bom Jesus de Matosinhos do Bacalhau – Livro 28 – Prateleira "T".

ainda com 13 anos, o que não o impediria de se encantar com esta arte e assimilar do pai as técnicas e “manhas” da escultura no canteiro de obras que se transformou o templo de Bacalhau e outras empreitadas nas andanças do pai. E os frutos dessa boa aprendizagem podem ser percebidos na execução dos dois retábulos colaterais, de fatura mais tardia, talvez do final do século XVIII ou mesmo início do século XIX, que teve certamente a participação/colaboração do filho que, aliás, entre os anos de 1797 e 1798, viria a ajustar com a irmandade a fatura de castiçais, cruz, cimalha e óculos da capela-mor.⁶ (FIG.3)



Figura 3: Retábulo Colateral (4) de Bom Jesus de Bacalhau.

Outros dois artistas que também poderiam ter aprendido o ofício com Meireles Pinto pai, colaborando com ele em suas empreitadas, foram Manoel Dias da Silva (1778-?) e Vicente Fernandes Pinto (1782-?) – que certamente tinha algum parentesco com a família Meireles Pinto – e que também aparecem trabalhando na mesma igreja, executando obras de entalhe e de imaginária.⁷

Por duas oportunidades encontramos José de Meireles Pinto realizando trabalhos na Sé Catedral da cidade de Mariana: em 1789 recebe por “concerto de hum crucifixo” e em 1790 aparece recebendo 1\$800 réis por “concertar o Retábulo”; porém, não se sabendo qual é este altar.⁸ Nesta cidade realiza ainda serviços para a Ordem 3ª do Carmo de Mariana, em sua igreja, em 1795.⁹ Mas é na igreja vizinha, da Ordem 3ª de São Francisco de Assis, que deixa a sua preciosa marca de entalhador, nas

⁶ Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Senhor Bom Jesus de Matozinhos do Bacalhau – Livro 28 – Prateleira “T”.

⁷ Sobre estes artistas remeto ao meu artigo *Imagens e Escultores do Vale do Rio Piranga*. In: *Revista Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (CEIB)/UFMG, no 1, 2001, p.151-154.

⁸ MARTINS, Judite. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Publicações do IPHAN, n° 27, 2º vol., p. 40.. 151-154.

⁹ Id., p. 135.

exuberantes portas – a principal e duas transversais – daquele edifício. As portas são todas entalhadas, em um relevo vigoroso, com motivos ornamentais rococós que repetem o repertório de Bacalhau, com seus concheados esgarçados, acantos, cartelas e flores. São certamente as únicas portas com este feitio em igrejas mineiras remanescentes do ciclo do ouro.¹⁰ (FIG. 4)



Figura 4: Porta Principal da Igreja de São Francisco em Mariana.



Figura 5: Parte do Retábulo Principal de Antônio Dias, MG. Foto: Adriano Ramos.

164

Aos Meireles Pinto podemos também atribuir o retábulo principal da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré de Antônio Dias, cidade que se situa próxima à região do Vale do Aço. Não encontramos documentação que indiquem a época em que foi faturado, mas é provável que tenha ocorrido um pouco depois que o de Bom Jesus de Bacalhau – porém não se descarta a possibilidade de serem eles coetâneos. Em seu risco e execução, este retábulo é praticamente familiar ao da igreja do Bacalhau: as colunas lisas, o mesmo formato do trono, o mesmo desenho do coroamento – porém mais simples e sem os anjos –, o mesmo modelo de coifa, os mesmos tipos de socos das colunas e o mesmo desenho da porta do sacrário; também a execução da talha obedece ao mesmo princípio de aplicação e delicadeza, lembrando um trabalho de ourivesaria. (FIG. 5)

José de Meireles Pinto veio a falecer em 26 de Outubro de 1808, sendo enterrado na igreja matriz de Cachoeira do Brumado (distrito de Mariana), local em que se encontrava residindo á época.¹¹

Agora entraremos naquela parte em que o desenvolvimento do texto se moverá no campo das incertezas e das especulações. Em um artigo publicado na Revista do Arquivo Público Mineiro, de 1974, Ivo Porto de Menezes, trouxe à tona um documento

¹⁰Id. ib.

¹¹ Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Livro de Óbitos da Matriz de Cachoeira do Brumado, fl. 9, Livro 20, Prateleira F.

referente à atuação e presença de um José de Meireles Pinto na cidade do Porto.¹² Neste documento há registro do artista trabalhando na Sé do Porto, fazendo castiçais, credencias e um círio para alguns altares. Isto se deu em 1768, ano em que residiu nas ruas Bonjardim e do Paraíso, vias importantes no século XVIII, aonde se concentrou várias oficinas de escultores, entalhadores e pintores. Aí veio a se instalar, inclusive, Francisco Pereira Campanhã e José Teixeira Guimarães, dois dos mais importantes escultores e entalhadores da cidade do Porto, na segunda metade do século XVIII, sendo, a propósito, os principais responsáveis pela introdução e difusão do estilo rococó naquela região.¹³

Nesse mesmo artigo, Ivo Porto de Menezes refere-se também a uma encomenda de um altar, que o Meireles Pinto ajustou para fazer na igreja paroquial de Nossa Senhora do Ó de Cadima, freguesia do Concelho de Cantanhede, ligada ao bispado de Coimbra. O retábulo em questão é uma belíssima composição de talha rococó, do tipo D. José, excelentemente pintadas e policromadas, alternando os motivos arquitetônicos com os simplesmente decorativos. Um retábulo que representa tipicamente bem os entalhadores portuenses, que, como nos diz Robert Smith, *“demonstram um fantástico domínio do ornato complicado, que corre, como gotas de água, através de um labirinto de curvas e contra-curvas, volutas enlaçadas, com penetração de folhas e grinaldas”*.¹⁴ O mesmo que também caberia afirmar a respeito dos retábulos de Bacalhau e Antônio Dias! (FIG. 6)



Figura 6: Detalhe do Retábulo de Nossa Senhora do Ó em Cadima – Portugal.

¹² MENEZES, Ivo Porto de. Documentos Mineiros nos Arquivos Portugueses. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, Ano XXVI, 1975, p. 266. – Estas informações foram, com toda certeza, copiadas de BASTO, Artur de Magalhães, na sua obra *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXIII, 1964.

¹³ Sobre as oficinas nas ruas citadas cf. ALVES, Natália Marinho Ferreira. *A Arte de Talha no Porto na época Barroca*. Porto, Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1989, 1º vol., p. 104 ss.; sobre as obras de Campanhã e Teixeira Guimarães no Porto cf. especialmente: BORGES, Nelson Correia. *História da Arte em Portugal – Do barroco ao rococó*. Lisboa, Publicações Alfa, p. 139-140 e SMITH, Robert C. *A Talha em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1962, p.139-141;

¹⁴ SMITH, Robert C. Op. cit., p. 140.

O motivo pelo qual Ivo Porto de Menezes inseriu este documento sobre José de Meireles Pinto em seu texto alusivo à “Documentação referente a Minas Gerais existentes nos Arquivos Portugueses”, deve-se ao fato de que ele acreditava tratar-se do mesmo José de Meireles Pinto que trabalhou em Minas Gerais, do qual havia certamente tomado conhecimento a partir do Dicionário de Judith Martins, que o cita em duas oportunidades.¹⁵¹⁶ Assim também pensamos no momento em que deparamos com este documento no alusivo texto de Menezes.

No entanto, ao buscarmos mais documentos que corroborassem com esta afirmação, conseguimos levantar provas importantes que vêm embasar nossas suposições; porém, por outro lado, deparamos com outras, que introduziram na pesquisa alguns pontos ainda não totalmente esclarecidos.

No caso das confirmações, descobrimos no Arquivo Distrital do Porto o assento de batismo de José de Meireles Pinto, ocorrido em 18 de Dezembro de 1731, no local de Argonça, freguesia de Santa Eulália da Ordem, sendo seus pais Vicente Duarte Meireles e Maria Rosa Meireles Pinto de Souza; informações, aliás, que estão declaradas com clareza incontestável em seu testamento.

Outra confirmação importante, também levantada no Arquivo Distrital do Porto, diz respeito ao nascimento e batismo de um filho de José de Meireles Pinto, por nome Antônio, ocorrido em 31 de Março de 1768.¹⁷ Data que coincide com a idade informada por Antônio de Meireles Pinto, em documentos – Ações Cíveis – encontrados em Minas Gerais, de 38 e 41 anos, para os anos de 1806 e 1809, respectivamente, de onde podemos inferir ter nascido ele no ano de 1768.¹⁸

Este mesmo documento, entretanto, apresenta algumas dúvidas para o nosso raciocínio: em primeiro lugar, os nomes dos avôs paternos indicados não coincidem com os nomes dos pais de José de Meireles Pinto informados em seu assento de batismo e em seu testamento (acima referidos); em segundo lugar, o documento assinala que Antônio é filho de José de Meireles Pinto e de sua “mulher” Ana Tereza, sendo que em seu testamento Meireles Pinto informa que nunca foi casado, porém, “*por fragilidade humana teve três filhos*”.

166

Sobre estes dados importa dizer, no entanto, que para o primeiro caso pode se tratar de uma confusão de quem lançou os dados no assento; já para o segundo, deve-se salientar que a Igreja permitia que no registro de batismo constassem os nomes dos pais, mesmo que estes não fossem casados, caso isto não causasse constrangimento para uma das partes envolvidas – neste caso podia-se omitir o nome de um deles ou até mesmo os dois.¹⁸ Já o nome dos padrinhos era imprescindível, mesmo que se quisesse tomar como madrinha a Nossa Senhora e como padrinho um santo qualquer.

Curiosamente, o nome do avô paterno que aparece no registro de batismo é o de José Teixeira Guimarães, morador na Rua do Paraíso, e que pode se tratar do mesmo entalhador do Porto. Neste caso, o José de Meireles Pinto de Portugal seria genro do

¹⁵ Inicialmente é inserido como *MEIRELES, José de* e depois como *PINTO, José de Meireles*. MARTINS, Judith. Op. cit., p. 39 e 135, respectivamente.

¹⁶ Nascimento e Batizado de José de Meireles Pinto – 1768 – Arquivo Distrital do Porto – Paróquia de Santo Ildefonso – Batismos – 1766-1770 – Consulta Virtual: PT/ADPRT/PRQ/PPRT12/001.0014.m1105.

¹⁷ Arquivo da Casa Setecentista de Mariana/IPHAN – Cód. 404/Auto 8842 (1º Ofício) e cód. 309/Auto 6458 (1º Ofício).

¹⁸ “E quando o baptizado não for havido de legítimo matrimonio, também se declarará no mesmo assento do livro o nome de seus pais, se for cousa notoria, e sabida, e não houver escândalo (...)” – Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia – Edições do Senado Feral – Vol. 79 – Brasília – 2011 – Livro 1º - Título XX – Como em cada Igreja há de haver livro, em que se escrevão os assentos dos Baptisados (...).

famoso artista, com quem provavelmente teria aprendido seu ofício e até mesmo colaborado em algumas obras.

A partir do que foi exposto até agora, seria importante assinalar, que o historiador que trata com o tipo de documentação por nós manuseada, depara constantemente com a presença de homônimos; e no caso de pesquisas históricas, estes homônimos costumam trazer muitas confusões, principalmente quando não entram em cena outras variantes coincidentes; mas no caso do estudo ora proposto, há muitas variantes coincidentes que nos faz supor tratar-se da mesma pessoa, pois vejamos: Em primeiro lugar, trata-se de nomes grafados da mesma maneira: José de Meireles Pinto, sendo o Meireles, ora com um "l", ora com dois "ll", tanto aqui como lá, em além mar.

Depois, são dois entalhadores atuando em um mesmo período de tempo, e dentro de um mesmo estilo artístico: o rococó.

Em terceiro lugar, e o que é mais intrigante, a presença de um filho chamado Antônio, nascido no ano de 1768, em Portugal. Já que o Antônio daqui (Minas Gerais) diz ser português em documentos encontrados referentes a ele.

Há ainda as semelhanças entre os delineamentos das talhas do retábulo de Cadima, em Portugal, com os trabalhos realizados em Minas Gerais, tanto nos retábulos de Bacalhau e Antônio Dias quanto nas portas de São Francisco de Mariana. (FIG. 7, 8)

Por fim, existe uma coincidência, que eu chamaria de simbólica, que diz respeito ao dia em que o José de Meireles Pinto, de Minas Gerais, foi batizado: dia 18 de Dezembro; data em que se comemora Nossa Senhora do Ó, que é justamente o orago da igreja para a qual o José de Meireles Pinto, de Portugal (e que seria o mesmo daqui), ajusta a fatura do retábulo principal.



Figura 7: Detalhe da talha do Retábulo de Cadima.

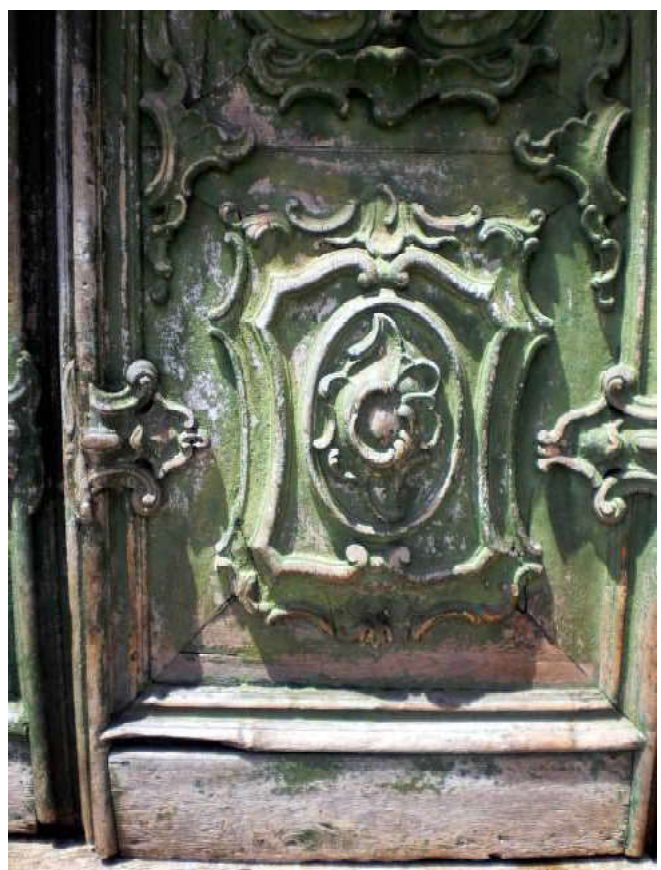


Figura 8: Detalhe da Talha da Porta Principal de Mariana.

Cronologia sobre José de Meireles Pinto a partir da documentação consultada:

Portugal

A – Santa Eulália da Ordem

- 1731 – Nascimento na Quinta de Argonça.

B – Cidade do Porto

- 1768 – Morador nas Ruas Bomjardim e do Paraíso/Ajuste de obras na Sé.
- 1772? – Ajuste da fatura do retábulo-mor da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Ó em Cadima.

Brasil

C – Minas Gerais/Rio de Janeiro

- 1775/1776 – Soldado na Companhia de 1º número da Capitania de Minas Gerais destacada no Rio de Janeiro

D – Calambau

- 1780 – Sociedade de compra e venda de escravos

E – Bacalhau

- 1781 – Ajuste do rétabulo principal da capela de Bom Jesus de Matosinhos do Bacalhau.
- 1781/1782 – Pagamentos pela referida obra.
- 1796 – Pagamento por acréscimo ao retábulo principal da igreja.

F – Mariana

- 1788 – Pagamento não especificado por trabalhos na Igreja do Carmo.
- 1789 – Pagamento por conserto de crucifixo na Sé Catedral.
- 1790 – Pagamento por conserto em retábulo na Sé Catedral.
- 1791 – Pagamento por conserto nos nichos de São João Nepomuceno e S. Francisco de Borja na Sé.
- 1792/93 – Pagamento pelas portas da Igreja de São Francisco.
- 1793/94 – Pagamento pela mesma obra.
- 1794 – Deliberação (louvação) sobre as portas da Igreja de São Francisco.
- 1795 – Pagamentos pelas janelas e portas da Igreja do Carmo.

G – Cachoeira do Brumado

- 1808 (18/10) – Redação do Testamento.
- 1808 (26/10) – Morte e sepultamento na Igreja Matriz.

Documentos sobre Antônio de Meireles Pinto

Portugal

A – Cidade do Porto

- 1768 – Nascimento

Brasil

B – Bacalhau

- 1797/98 – Pagamento por conta de castiçais entalhados, cruz, cimalha e óculos para a Igreja de Bom Jesus do Matosinhos do Bacalhau.

C – Rio Pomba

- 1806 – Citado como marceneiro e entalhador, português e de 38 anos.

D – Cachoeira do Brumado

- 1808 – Indicado como testamenteiro no Testamento do Pai, onde declara ser residente no Presídio de São João Batista, freguesia do Rio Pomba.

E – Piranga

- 1809 – Citado como entalhador, português, de 41 anos de idade.